

PESQUISA EM REDES SOCIAIS NA INTERNET: OS DISCURSOS NO CIBERESPAÇO

*Telma Brito Rocha*¹

Resumo

A internet tem se tornado um texto importante de ser lido por pesquisadores, o exame das autorias postadas neste espaço pelos internautas, suas interações, sociabilidades em comunidades virtuais, são importantes fontes de pesquisas. O objetivo deste artigo é discutir a internet como espaço de produção de cultura e metodologias para compreender o ciberespaço e as relações virtuais como espaço de pesquisa. Neste sentido, a aplicação de abordagens formalistas de investigação, onde as hipóteses clássicas são tomadas absolutas e os projetos impregnados de tecnicismo metodológico não são indicados para pesquisas com/na rede internet. Os textos lidos e interpretados na internet devem tomar em consideração os contextos que são produzidos.

PALAVRAS-CHAVE: discursos; redes sociais; pesquisa em rede internet.

RESEARCH IN SOCIAL NETWORKS ON THE INTERNET: THE DISCOURSES IN CYBERSPACE

Abstract

The internet has become an important text to be read by researchers, the examination of authorships posted in this space by netizens, their interactions, sociabilities in virtual communities, are important sources of research. The purpose of this article is to discuss the internet as a space for the production of culture and methodologies to understand cyberspace and virtual relations as a research space. In this sense, the application of formalist approaches to research,

where the classical hypotheses are taken absolute and the projects impregnated with methodological technicality are not indicated for researches with/in the internet network. Texts read and interpreted on the Internet must take into account the contexts that are produced.

KEYWORDS: discourses; social networks; search on internet network.

INTRODUÇÃO

Não queremos confundir rigor com rigidez; com a estupidez e a cegueira rigorista, nem com meras prescrições lógicas.
(MACEDO, 2009b, p. 80)

A internet tem se tornado um texto importante de ser lido pelos pesquisadores, o exame das autorias postadas neste espaço pelos internautas, suas interações, sociabilidades são importantes fontes de compreensão das atitudes e comportamento dos indivíduos na contemporaneidade.

Tratando-se das comunidades em redes sociais, observamos cotidianamente o surgimento de grupos que apresentam novas sociabilidades decorrentes da interação mediada por computador, com características comunitárias que podem reproduzir e ampliar as relações presenciais ou não presenciais.

Esses espaços veicula, constrói discursos, e produz significados. Como afirma Macedo (2009a, p. 112), discurso é “[...] um fenômeno social e constitui um dos vínculos mais importantes de produção de sentidos no interior de uma sociedade, com uma importante função de se constituir ideologicamente”.

Nesse sentido, o termo discurso aqui é tomado a partir da concepção foucaultiana, na qual o discurso não pode ser

resumir ao mero ato de fala. Para o autor, os discursos não estão localizados num campo de exterioridade em relação aos objetos que, supostamente, eles descrevem. Em sua afirmação, os discursos se instituem como “[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. (FOUCAULT, 2008, p. 55)

Os discursos são produzidos por meio de diferentes técnicas, tecnologias e estratégias. A articulação de técnicas de dominação e as técnicas de si produzem as subjetividades, por sua vez, seus efeitos constituem os sujeitos. Subjetividade Segundo Woodward (2000, p. 55) é a compreensão que temos do nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual adotamos uma identidade.

SOBRE OS DISCURSOS

Para Foucault há quatro tipos de tecnologias, cada uma delas apresentando uma raiz de ordem prática. Essas tecnologias, que aparecem sempre mescladas entre si e não de forma isolada, compõem a nossa subjetividade. “As tecnologias produzem efeitos (características básicas do poder) e sempre funcionam em conjunto, cada uma delas com suas aprendizagens específicas: produzem saberes”. (FOUCAULT, 1990, p. 48) São elas: **tecnologias de produção**: que permitem transformar, produzir ou manipular coisas; **tecnologias de sistemas de sinais**: utilizam signos, sentidos, símbolos e significações; **tecnologias de si ou tecnologias do eu**: por meio das quais o indivíduo, por si mesmo ou com a ajuda dos outros, realizam certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamento e condutas, obtendo assim uma autotransformação, que teria como principal objetivo alcançar

certo estado de felicidade, sabedoria ou pureza; **tecnologias de poder**: determinam a conduta dos indivíduos, os submetem a certo tipo de fins e consistem em uma objetivação do sujeito. Elas enunciam as estratégias e recursos tecnológicos com os quais se criam formas de governabilidade: o governo de si por si e suas articulações com as relações que se estabelecem com os outros.

Assim, os saberes desenvolvidos sobre si para conhecer os processos de objetivação e subjetivação, neste último, criamos novas formas de existência e vínculos; emerge a partir da consciência de si, ou seja, como nos sentimos e estabelecemos relações e conexões com o mundo que nos cerca, onde se encontram entrelaçados as práticas sociais, produtoras de "jogos de verdade".

Para Foucault (2000), essa "verdade" está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e a apoiam, assim como, aos efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. Dessa forma, não é apenas em relação aos discursos "dominantes" ou "dominadores" de qualquer sociedade que faz sentido falar de regimes de verdade. Se o poder e a verdade estão ligados numa relação circular, se a verdade existe numa relação de poder e o poder opera em conexão com a verdade, então todos os discursos podem ser vistos funcionando como regimes de verdade.

Nesse sentido, as verdades que são produzidas servem como justificativa para as formas de dominação, de resistência, e vão marcar os modos de subjetivação de cada um. Para que se possam produzir as verdades sobre si, os sujeitos vivenciam uma série de exercícios, "as práticas de si", nas quais, segundo Foucault (2000), não são inventadas pelos indivíduos, são constituídas através de esquemas encontrados em nossa cultura, lhes são propostos, sugeridas, ou impostas pelos diferentes grupos sociais que formam a nossa sociedade.

Partindo do pressuposto de que toda sociedade engendra discursos, controla, seleciona, organiza e redistribui sua produção, Foucault, em textos como: *As palavras*

e as coisas, A arqueologia do saber, A ordem do discurso, identifica procedimentos internos e externos que regulam o acontecimento discursivo.

As investigações do autor discutem ainda, a atenção que os indivíduos têm dirigido a si próprios e a outros em diferentes lugares, espaços e épocas. Ou seja, a genealogia da "relação do ser consigo mesmo" e das formas técnicas que essa relação tem assumido; isto é, o indivíduo é aquele tipo de criatura cuja antologia é histórica. E a história do ser humano requer, portanto, uma investigação das técnicas intelectuais e práticas que têm constituído os instrumentos por meio dos quais tem, historicamente, constituído a si próprio.

Quando evidenciamos as tecnologias de si na contemporaneidade, vemos como uma determinada verdade se associa a um elenco de regras de conduta que, simultaneamente, sustentam as formas de dominação e de identificação próprias ao nosso tempo. As verdades produzidas servirão como justificativa para as formas de dominação e para as formas de resistência que marcam os modos de subjetivação dos indivíduos, inclusive, nos espaços virtuais.

Nesse sentido, a subjetividade é uma construção discursiva, produzida por meio de diferentes técnicas, tecnologias e estratégias. Das ações, comportamentos e transações eletrônicas também se tira ou se projeta a subjetividade.

Por isso, ao analisar o discurso é preciso que "[...] desapareçam e reapareçam as contradições: é mostrar o jogo que nele elas desempenham: é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhe uma fugida aparência. (FOUCAULT, 2008, p. 171)

No campo da pesquisa na internet, nos interessa apreciar os efeitos sobre a produção discursiva em comunidades virtuais, em redes sociais, onde se amplia o processo de exteriorização das subjetividades contemporâneas.

REDES SOCIAIS E AS COMUNIDADES VIRTUAIS

As redes sociais constituem modos importantes de sociabilidade na contemporaneidade. Existem vários software sociais, que permitem e estimulam as relações entre pessoas, grupos em redes, com diferentes intencionalidades de usos. Temos *Facebook, Twitter, Google+, MySpace, Spotify, LinkedIn, Hi5, Tinder*.

Para começar a interagir em alguns desses softwares sociais, só precisa criar um perfil (*profile*), com o objetivo de se apresentar a outros participantes, ao ciberespaço de modo geral. Nessa composição perfil, se escolhe quais informações estarão disponíveis, informações como nome, idade, cidade onde mora, estado civil, orientação sexual, currículo profissional, música, livros, etc. Além do perfil, que é composto por uma foto, o participante possui um espaço para disponibilizar álbuns de fotografias, pode ainda adicionar vídeos preferidos, jogar e fazer parte de comunidades com as quais se identifica. Já imerso, pode visitar, passear virtualmente por milhares de *profiles*, ou comunidades e fóruns.

Nas comunidades de softwares sociais, os usuários poderão estar nas seguintes posições: **Dono da comunidade** – a pessoa que cria a comunidade tem poder de mediar informações sobre ela e ainda autorizar moderadores para colaborar com ele na administração da comunidade. O **Moderador** – autoriza participação e modera os comentários – o sujeito que atua apenas como moderador pode também passar a ser proprietário da comunidade assim como pode ser apenas mais um membro escolhido por esse proprietário para moderar as interações. Assim, ele autoriza ou não o ingresso de novos membros, permite ou exclui comentários indesejados, retira ou publica fóruns de discussões, etc. **Participante-leitor** – o participante-leitor apenas lê os tópicos, as enquetes, mas raramente, ou nunca, emite opinião. É um participante silencioso, que vivencia o espaço em uma perspectiva de perceber o que acontece, mas sem interagir. **Participante ativo-produtor** – o participante ativo-produtor é mais

que um mero espectador da comunidade. Ele abre fóruns, participa das discussões, passeia pelos espaços e vivencia a comunidade como um espaço de vivência efetiva. É o participante efetivo. **Participante anônimo** – o participante anônimo, normalmente, participa de todas as discussões da comunidade. Sempre tem um palpite ou uma opinião para dar. No entanto, contribui de forma anônima, ou seja, sem se identificar. Além destas cinco denominações, há aqueles que não participam de forma alguma, e aqueles que interagem de outras maneiras que não as expostas acima.

Toda comunidade, seja ela presencial ou virtual, representa uma maneira dos sujeitos se organizarem, nos remete sempre à ideia de segurança, acolhimento. No livro intitulado *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, Zygmunt Bauman começa afirmando que a palavra comunidade sugere uma coisa boa, “[...] o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade”, “estar numa comunidade”. Para o autor, “Comunidade” produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra carrega, “[...] todos eles prometendo prazeres e, no mais das vezes, as espécies de prazer que gostaríamos de experimentar, mas que não alcança mais”. (BAUMAN, 2003, p. 7)

No entanto, nem todo aglomerado de pessoas em um mesmo espaço pode ser considerado uma comunidade, inclusive nos tempos em que vivemos, “[...] tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos, quando as pessoas em volta escondem o jogo e poucos se interessam em ajudar-nos, quando em resposta a nossos pedidos de ajuda ouvimos advertências para que fiquemos por nossa própria conta [...]. (BAUMAN, 2003, p. 8)

Alguns reclamam sua falência, com um certo tom nostálgico, lamentando seu desgaste e perda de sentido no mundo atual. Outros apontam para os focos de resistência que comprovariam sua pertinência, mesmo em meio à nossa sociedade capitalista individualizante. Assim, nos tempos difíceis em que vivemos, as comunidades, sejam presenciais

ou virtuais, podem se concretizar em espaços de organização, resistência, acolhimento, aprendizagens ou espaço de relações perversas, de reprodução de violência e ódio. Como afirma Mark Smith (1999, p. 195), [...] o ciberespaço está mudando a física social da vida humana, ampliando os tamanhos e poderes da interação social”.

O primeiro autor a utilizar o termo comunidade virtual foi Rheingold (1995, p. 20), que assim se expressou:

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço.

Nessa definição, os elementos formadores de uma comunidade virtual são discussões públicas; nelas as pessoas se encontram e se reencontram, num mesmo período de tempo, para constituir relações sociais impregnadas de sentimentos.

Lemos (2002) aponta outro elemento importante na compreensão do conceito de comunidade virtual. O autor ressalta o interesse comum e o fim da localidade espacial. Segundo ele, “[...] as comunidades virtuais eletrônicas são agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas”. (LEMOS, 2002, p. 93)

Pierre Lévy (2002) defende a participação em comunidades virtuais como um estímulo à formação de inteligências coletivas, às quais os indivíduos podem recorrer para trocar informações e conhecimentos. O autor acredita que essas comunidades funcionam também como filtros inteligentes que nos ajudam a lidar com o excesso de informação; é um mecanismo que nos abre para as visões alternativas de uma cultura.

Uma rede de pessoas interessadas pelos mesmos temas é não só mais eficiente do que qualquer mecanismo de busca", diz ele, "mas, sobretudo, do que a intermediação cultural tradicional, que sempre filtra demais, sem conhecer no detalhe as situações e necessidades de cada um. (LÉVY, 2002, p.101)

Como podemos ver, todas as considerações apontam para explicar a comunidade virtual como agrupamentos sociais, indivíduos com interesses, aspirações, que têm papel ativo na formação de suas conexões sociais, lidam diretamente com informação, conhecimento e, conseqüentemente, aprendizagem em potencial.

Assim nasce a noção de rede social, aqui entendida como "[...] um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)". (RECUERO, 2009, p. 24); a internet, portanto, é uma "rede de redes" onde as pessoas se conectam, formam uma sociedade ligada não somente por computadores, mas por afinidades. As redes sociais não são redes independentes entre si, elas se formam a partir dos perfis criados e pelas conexões formadas entre os usuários. As redes são dinâmicas, estão sempre em transformação, influenciadas pelas interações. Segundo Recuero (2009, p. 79), "[...] existem interações que visam enfraquecer ou mesmo destruir outro laço."

No caso das redes sociais, seus usuários podem interagir uns com os outros, através de tópicos de mensagens e trocas de interações. É um território de comunidade, de trocas sociais. O processo de criação de grupos dentro do dentro dessas comunidades não são horizontais, não emerge naturalmente, ele acontece de cima para baixo, porque alguém tem que criar a comunidade e convidar os futuros participantes para que estes formem os laços associativos. Depois de criada a comunidade, qualquer ator social, por identificação ou afinidade, poderá filiar-se a esses grupos de maneira mais livre, aumentando ainda mais o grupo.

As redes sociais proporciona duas formas de interação social mediada por computador: a **interação mútua** (PRIMO, 2007, p. 116) “[...] caracteriza-se por sua construção dinâmica, contínua e contextualizada.” Esse tipo de interação possibilita às relações aí construídas uma transformação permanente, não sendo, portanto, a soma de várias ações individuais. Na interação mútua, o foco está no relacionamento estabelecido e não em algum participante específico. Ou seja, os [...] relacionamentos são construídos e modificados socialmente através das ações recíprocas dos membros [...]. (PRIMO, 2007, p. 117)

No Software social a interação mútua pode ser observada nos *posts* das comunidades (em estilo de fórum), onde cada um pode escrever o que deseja e receber manifestações em retorno; bem como a *timeline* dos perfis (possível deixar mensagens para os amigos e receber deles recados) e *testemunhos*; além de mensagens enviadas para uma comunidade ou para alguém em particular. Aqui existe negociação, troca e modificação dos agentes envolvidos, já que ambos participam ativamente da construção das trocas comunicativas.

A interação mútua que os atores sociais estabelecem são eventos localizados num tempo e espaço, ficam armazenados junto das novas interações que surgirão na sequência. Se alguém recebeu uma mensagem ofensiva em alguma comunidade o conflito gerado naquele texto vai possibilitar novos eventos comunicativos. Mesmo que o autor das mensagens peça desculpas, novas comunicações vão ocorrer na sequência de outras mensagens. Isso permite que se mude o evento anterior, mas não eliminá-lo da sequência, da “[...] historicidade interativa, isto é, pode-se tentar ressignificar os atos anteriores, mas não mudá-los, tendo em vista a progressão temporal do processo”. (PRIMO, 2007, p. 115) Observa-se que você pode até mudar a realidade da semântica – o significado pessoal internalizado de um comportamento – mas você não pode modificar os efeitos e consequências de uma situação comportamental.

Já a **interação reativa**, segundo Primo (2007), caracteriza-se por ser um sistema fechado, com relações lineares e unilaterais que se resumem na relação estímulo-resposta. A interação ocorre a partir de uma troca ou intercâmbio, onde há uma delimitação clara das figuras do emissor e do receptor, havendo pouca ou nenhuma liberdade para uma cocriação, ou seja, há uma limitação no processo iterativo.

Recuero (2009, p. 153), partindo da análise mais específica dos tipos de interações que ocorrem em comunidades virtuais, reconhece três tipos principais: a primeira, as comunidades de associação, a segunda, as comunidades emergentes e a terceira, as comunidades híbridas. No caso da primeira, existe um vínculo de pertencimento que se sobrepõe ao vínculo interacional. Segundo Recuero (2009, p. 156), [...] tais comunidades são formadas pela associação de atores através da interação social reativa (associar-se ao grupo e ser aceito pelo mesmo), que não pressupõe interação direta entre os atores, ou mesmo interação social no sentido da conversação. No entanto, a qualquer momento tais vínculos podem acontecer entre os atores a partir da interação na comunidade. Segundo ela, “[...] a comunidade preexiste à interação social mútua, sendo esta uma decorrência daquela”. (RECUERO, 2009, p. 156)

No caso da segunda, as comunidades emergentes são baseadas nas interações recíprocas dos atores na comunidade e têm como característica a interação social mútua. Essa interação é baseada na reciprocidade, na medida em que há troca social.

Como afirma Recuero (2009, p. 154),

[...] a comunidade emergente possui, assim, um núcleo onde estão os atores conectados por nós mais fortes e uma periferia, onde estão os nós mais fracos, que podem estar fortalecendo-se e encaminhando-se em relação ao núcleo ou enfraquecendo-se, afastando-se do mesmo.

Já as comunidades híbridas possuem características dos dois tipos anteriores. São comunidades que compreendem, ao mesmo tempo, comunidades emergentes e comunidades de associação. Tais comunidades apresentam uma estrutura também diferenciada. São comunidades com muitos associados, mas a interação entre esses atores é pequena. Isso ocorre porque existe uma grande quantidade de atores conectados, porém como meros fãs ou admiradores do tema dessa comunidade. Ao mesmo tempo, um ator dessa comunidade possui um grande número de atores com quem interagem. Aí, existem características dos dois tipos de comunidades:

Ao entorno do ator há uma comunidade emergente, embora significativamente mais fraca do que as comunidades puramente emergentes e, ao redor do ator há também uma comunidade associativa, de outros atores com seus grupos que não interagem reciprocamente com a comunidade mas querem estar associados a este. (RECUERO, 2009, p. 158)

Além de revelar as formas, os tipos de interações estabelecidos, as comunidades funcionam ainda como marcadores de identidade. Quando um participante do software escolhe comunidades em categorias, como música, gostos nutricionais, cidades em que moram, escolas em que estudam, atividades de lazer, entre outras, revelam valores éticos e estéticos que correspondem a uma identificação. Nesse sentido, essas afiliações lhe atribuem um pertencimento, uma identidade, “[...] elas são os rótulos que escolhemos para dizer quem somos [...]”. (SILVEIRA, 2006, p. 147). Importante dizer ainda que, mesmo que esses usuários não participem dos fóruns de comunidades afiliadas, emitindo opinião sobre assuntos, é possível conhecer, mapear muito, sobre uma identidade.

PESQUISA EM REDES SOCIAIS NA INTERNET

Na pesquisa em redes sociais, as abordagens formalistas de investigação, onde as hipóteses clássicas são tomadas absolutas e os projetos impregnados de tecnicismo metodológico não cabem para pesquisa na internet. Como aponta Macedo (2009b, p. 89), o que geralmente encontramos nas pesquisas que fazem essa opção são [...] pesquisadores perplexos com o movimento incerto do real ou aprendizes de encaixes, redutores de realidades, felizes com afirmações ilusórias das suas eternas e deificadas teorias”.

Christine Hine, professora titular do Departamento de Sociologia da University of Surrey, no Reino Unido, é uma das pesquisadoras que, há mais de uma década, se dedica aos estudos sobre metodologia de pesquisas na internet, com foco particular na etnografia. Destacam os livros *Virtual Ethnography* (2000), *Etnografía Virtual* (2004) versão em espanhol, disponível para aquisição em livrarias físicas no Brasil, *Virtual al Methods* (2005) e *Ethnography for the internet* (2015).

A autora, na concepção desses trabalhos, estende a tradicional noção de campo e estudo etnográfico, localizado numa perspectiva presencial para a observação das interações mediadas por computadores, caracterizada pelo “não lugar”, permeada por uma comunicação hipertextual, marcada pela flexibilidade, características do ciberespaço.

Para Hine (2004, p.13), a etnografia virtual é a

[...] metodologia ideal para iniciar esses estudos, na medida em que pode ser usado para explorar as complexas inter-relações existentes entre as afirmações que estão previstas para as novas tecnologias em diferentes contextos: em casa, espaços de trabalho, nos meios de comunicação de massa, e em revistas e publicações acadêmicas. Uma etnografia da Internet pode observar em detalhes as maneiras em que nós experimentamos a utilização de uma tecnologia.

A etnografia virtual pode ser usada para compreender como a internet se configura através dos seus usos. Isso significa entender o mundo digital como um cenário de ação onde as interações sociais são mediadas pela tecnologia. As redes são altamente dinâmicas e complexas, incluem, além das ligações entre documentos, postagens, mensagens, toda uma totalidade de relações sociais.

Em passagem pelo Brasil em setembro de 2015 para o Seminário Internacional Etnografia e Consumo Midiático: Novas Tendências e Desafios Metodológicos, realizado na Universidade Federal Fluminense, Hine concedeu uma entrevista ao Professor Bruno Campanella, do Programa de Pós Graduação em Comunicação, da mesma Universidade promotora do evento, publicada na Revista MATRIZES. V.9 - No 2 jul./dez. 2015. Nesta entrevista, a pesquisadora fala dos desafios de uma internet que cada dia mais permeia o cotidiano das pessoas. As tecnologias para ela são intrinsecamente sociais. É possível compreender essa perspectiva porque hoje falamos mais de redes sociais do que internet.

Nesse sentido, sua publicação *Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday* de 2015, propõe compreender a internet como fenômeno permeado, incorporado e cotidiano. Para a autora a internet permeada adquire seu significado:

[...] nos contextos com os quais ela está associada. As conexões múltiplas e imprecisas entre on-line e off-line, e as diversas estruturas de produção de significado que usamos para construir sentido do que acontece on-line, com frequência nos levam a noções de campo móveis, conectivas e multiespaciais. Elas também incitam reflexões sobre a responsabilidade que o pesquisador de campo assume ao delinear seu objeto específico de estudo, escolhendo estudar alguns aspectos da internet incorporada mais do que outros. (CAMPANELLA, 2015, p.170/171)

Já na internet incorporada, a autora ressalta que utilizamos a internet como seres socialmente situados, sujeitos a várias limitações de nossas ações, demonstrando emoções, numa perspectiva individualizada sobre a internet, a partir dos links que acessamos e sites que encontramos.

Hine aponta que esse aspecto da internet proporciona

[...] as abordagens reflexivas e autoetnográficas que se concentram sobre o sentimento de navegar na variedade de camadas de experiência ao longo das diferentes mídias e que refletem em que medida a experiência do etnógrafo pode esclarecer aspectos tácitos da experiência daqueles que estudamos. (CAMPANELLA, 2015,p. 171)

Na cotidianidade da internet Hine chama a atenção para as plataformas individuais on-line em serem tratadas como infraestruturas não percebidas na maior parte do tempo e apenas raramente tematizadas em discussão específica. Segundo ela:

Pode ser bastante útil para o etnógrafo assumir uma perspectiva crítica, tanto sobre a despercebida internet cotidiana, quanto sobre a internet tematizada. O que assumimos como evidente quando deixamos de notar a internet em nossas vidas? Quais ocasiões e momentos em que discutimos a internet: quem está explicando a internet, para quem e com que objetivo? (CAMPANELLA, 2015,p. 171)

A esse respeito, Adriana Amaral, Raquel Suely Frago, na publicação métodos de pesquisa para internet, publicado pela Editora Sulina em 2015, aponta as variadas possibilidades de categorias temáticas que podem ser estudadas na internet. No entanto, como toda categorização, as autoras salientam que cada um desses recortes estão interligados e pesquisas podem

usar mais de uma categoria numa proposta, demonstrando inúmeras possibilidades interpretativas.

Entre as possíveis categorias temáticas estão a linguagem, onde se compreendem os estudos sobre arquiteturas de informação, hipertexto, links, buscadores, hipermídia, narrativa de jogos digitais, etc. Apropriação tecnológica, estudos sobre a reconfiguração de práticas sociais/culturais e sociabilidade em função das TIC. Economia política da comunicação mediada por computador, são investigações ligadas as novas conformações econômicas e políticas em função da internet. O ciberativismo, compreendem reflexões a potencialização da ação do indivíduo/coletividade em termos de ação política via internet. A inclusão digital, estudos sobre o potencial da inclusão social via TIC. Práticas de consumo mercadológico, são investigações sobre comportamento de consumidores em relação a internet e outras TIC; e socialização online que são relativas as práticas de socialização online. (p.47)

Amaral, Fragoso e Recuero, nos estudos sobre pesquisa em redes sociais da internet, afirmam que é preciso que se estabeleça o objeto e a forma de coleta de dados. Assim, o primeiro caminho, é a seleção dos atores que fazem parte de uma rede, indivíduo, instituições, grupos; o segundo, o que serão considerados conexões, interações e laços sociais, representados em comunidades, a exemplo. Após essas principais observações, é preciso delimitar os elementos que serão observados e suas medidas. Assim, chega-se na coleta de dados, que pode ser realizada através de entrevistas, questionários, observações. Amaral, Fragoso e Recuero, ainda afirmam:

A coleta de dados depende da janela de análise que se pretende fazer, e cabe ao pesquisador selecionar o momento e as variáveis que serão analisadas, que devem ser selecionadas de acordo com a problemática que será focada pelo pesquisador. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 121)

As possibilidades de abordagens metodológicas para a análise dos discursos em redes sociais, suas interações, conexões, potencializa. um objeto de pesquisa, revelam uma fonte privilegiada para coleta e construção dos dados. Neste processo, considerar as subjetividades, as perspectivas culturais, possibilita a profundidade da análise.

CONCLUSÃO

O ciberespaço torna-se lugar apropriado para ampliação da comunicação, criação e do compartilhamento de significados de múltiplas culturas. Essas características apresentam fonte privilegiada para exploração inventiva e construções de relações sociais.

A internet sendo um espaço de produção de cultura, ultrapassa a noção instrumentalizadora de concepções metodológicas que desprezam o ciberespaço e as relações virtuais como espaço de pesquisa.

Os textos, os discursos produzidos na internet devem tomar em consideração os contextos que são produzidos. A observação e interpretação das relações sociais no ciberespaço nos ajudam a entender, por conseguinte, a sociedade atual.

Não existem percursos metodológicos prontos, a autoria de cada pesquisador deve ser considerada como elemento importante na produção de pesquisas em rede internet. Metodologia é uma área dialógica, de concepções, se constrói na pluralidade discursiva.

Elucidar as questões tratadas, compreender o dinamismo dos dados online, observar os processos interacionais, são possibilidades de investigações que ultrapassam a perspectiva dos diagnósticos tradicionais do campo dos estudos presenciais.

REFERÊNCIAS

Submetido em:01/03/2018

Aprovado em: 18/04/2018

CAMPANELLA, Bruno. "Por uma etnografia para a Internet: transformações e novos desafios. Entrevista com CHRISTINE

HINE (University of Surrey, Department of Sociology, Guildford, Reino Unido). **MATRIZES**. V.9. Nº 2 jul./dez. 2015, São Paulo – Brasil.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

_____. **Microfísica do poder**. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. O sujeito e o poder. In: dreyfus, h; rabinow, p. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Tecnologias del yo: y otros textos afines**. Barcelona: Paidós, 1990.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana (2011). **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000.

_____. **Etnografia virtual**. Barcelona: UOC, 2004.

_____. **Virtual methods: issues in social research on the internet**. New York: Berg Publishers, 2005.

_____. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday**. Huntingdon, GBR: Bloomsbury Publishing, 2015.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LÉVY, Pierre. **Cyberdemocratie**. Paris: Odile Jacob, 2002.

MACEDO, Roberto, Sidnei. A. Estudos e pesquisas em currículo e formação nos âmbitos do FORMACCE FACED/UFBA: a centralidade da narrativa implicada. MACEDO, E.; MACEDO, R.S.; AMORIM, C. A. (Org.). **Discurso, texto, narrativa nas pesquisas em currículo**. Campinas, SP: FE-UNICAMP, 2009a. p. 107-113

_____. Outras luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. In: _____; GALEFFI, D; PIMENTEL, A. **Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências antropológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009b. p. 75-121

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RHEINGOLD, Howard. **La comunidad virtual: una sociedad sin fronteras**. Barcelona: Gedisa, 1995.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compôs**, Brasília, DF, v. 9, p. 1-21, 2007.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Identidades para serem exibidas: breve ensaio sobre o Orkut. In: SOMMER, L. H.; BUJES, M. I. E. (Org.). **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas, RS: Ulbra, 2006. v. 1, p. 137-150.

SMITH, Mark. Invisible Crowds in Cyberspace: Measuring and mapping the social structure of USENET. In: KOLLOCK, P.; SMITH, M. (Org.). **Communities in cyberspace**. London: Routledge Press, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

